



A relação entre memória e objetos perdidos

Jornal da Universidade / 17 de maio de 2024

Artigo | O arquivista Luciano Alves Santarem reflete sobre a relação entre o indivíduo e suas recordações e aborda formas de resgatar a memória diante da inexistência de itens pessoais simbólicos

*Foto: Flávio Dutra/JU

Para além da vida e dos bens materiais, também a memória dos atingidos pela catástrofe climática que recai sobre o Rio Grande do Sul parece estar em risco. A cada dia, a população tem presenciado a força da água arrastando não apenas casas e automóveis, mas também pequenos objetos providos de significado: cartas, fotografias, brinquedos antigos, camisas de futebol e uma infinidade de outros itens tidos como recordações e que possuem relação direta com a história particular de cada família desaparecem, dando a ideia de que a própria memória é levada pela enxurrada. Lembranças, muitas vezes guardadas por mais de uma geração, submergem repentinamente no lago turvo do esquecimento, carregando consigo vestígios de momentos pessoais importantes.

Diante dessa perspectiva, é oportuno salientar que os objetos não são a memória, mas sim instrumentos de suporte. Tratam-se de conexões individuais de acesso ao passado. Objetos são como pontes.

O conceito de “memória episódica” refere-se à capacidade de um indivíduo lembrar eventos autobiográficos. É a evocação de acontecimentos que ocorreram em situações e lugares específicos, permitindo a construção de narrativas contínuas de sua vida. O casamento retratado em um álbum, a juventude descrita no diário, uma conquista esportiva gravada num troféu.

É inegável que o extravio de pertences simbólicos configura um impacto menor em comparação a outros prejuízos causados pelas enchentes. No entanto, é necessário também reconhecer que muitas vezes esses objetos representam uma forte ligação emocional entre as pessoas e sua própria história. Para a reminiscência, os objetos pessoais funcionam como elo entre o sujeito e episódios singulares de seu passado, não sendo, portanto, o processo de recordação em si.

Recordar é uma atividade mental composta por algumas etapas, sendo a *recuperação* a fase em que o cérebro acessa áreas onde as memórias estão armazenadas. É especificamente nesse estágio que os objetos influenciam o processo, atuando como “sugestão externa” na recuperação de eventos passados. Porém, não são a única fonte. Fatores imateriais, como emoções, contexto, associação de ideias e até o estado físico, também podem atuar, trazendo à tona lembranças preservadas. Por esse ângulo, a perda dos objetos não significa a perda definitiva de memórias. Indica apenas a falta de um dos pontos de ligação, dentre tantos outros possíveis.

Perante um cenário de caos, em que por vezes pouco ou nada é recuperado, a mera compreensão de que o alagamento não tem força para encobrir de forma definitiva a memória familiar pode ser uma ação inicial para seu próprio resgate. Buscar outros meios de conexão com aos eventos pessoais – como, por exemplo, conversar sobre – é um segundo movimento, capaz de trazer as lembranças de volta à consciência.

Desde sempre, a oralidade é uma forma de comunicação profundamente intrincada com a memória. É a mais antiga e perene via de transmissão e preservação e, ainda assim, continua efetiva como recurso para a recuperação de experiências de vida.

Evocar lembranças compartilhadas é outro artifício para a ativação da memória. O simples diálogo entre pessoas que presenciaram juntas o mesmo evento ou participaram de uma experiência em comum pode ser um estímulo recordativo ainda mais poderoso do que o provocado por um objeto. Isto porque a troca de lembranças traz detalhes específicos, ângulos particulares do momento. O compartilhamento envolve a associação de ideias e atua na construção coletiva de narrativas, consolidando e até complementando as lembranças individuais.

Não há como desconsiderar que objetos pessoais são elementos importantes, tanto da identidade quanto da história pessoal. Todavia, eles não devem ser estabelecidos como a própria memória, visto que apenas com a recuperação é que a memória, de fato, cumpre seu papel. Com toda sua intensidade, a inundação interrompeu vidas e desfez grandes e pequenas obras. Fez sumir bens de valor financeiro e outros inestimáveis. Destruíu pontes, mas não a capacidade de cruzar ao outro lado.

Luciano Alves Santarem é mestre em Memória Social e Bens Culturais e arquivista do Arquivo Central.

“As manifestações expressas neste veículo não representam obrigatoriamente o posicionamento da UFRGS como um todo.”

:: Posts relacionados



Carta aos leitores | 05.06.24



Receita catastrófica: desmonte do Estado com mudanças climáticas



Para repensar a infraestrutura urbana



Sobre inundações, ou a importância do urbanismo

INSTAGRAM

jornaldauniversidadeufrgs
@jornaldauniversidadeufrgs

Follow

View on Instagram

REALIZAÇÃO

JORNAL DA UNIVERSIDADE



CONTATO

Jornal da Universidade
Secretaria de Comunicação Social/UFRGS

Av. Paulo Gama, 110 | Reitoria – 8.andar | Câmpus Centro | Bairro Farroupilha | Porto Alegre | Rio Grande do Sul | CEP: 90040-060

(51) 3308.3368

jornal@ufrgs.br

:: ÚLTIMAS



Carta aos leitores | 13.06.24



Conhecimento do português proporciona acolhimento para imigrantes que vivem no Brasil



Movimento de plataformação do trabalho docente



O Direito e a prevenção de desastre ambiental



Atuação do NESA-IPH frente às inundações



A presença negra num bairro riograndino



Carta aos leitores | 06.06.24



A cultura Hip Hop expressa sua coletividade em espaços que demarcam sua presença no RS



Impercepção botânica na política ambiental



Árvores podem aliviar deslizamentos e enchentes